

A FAMÍLIA E A CRIANÇA FILHA DE MÃE ADOLESCENTE

Maria Cristina Lopes de Almeida Amazonas¹

Bruno dos Santos Santana²

Danielle Campos Vaz³

Resumo

Este trabalho teve como objetivo geral compreender a rede de relações familiares que envolve a criança, filha de mãe adolescente. Nessa configuração familiar, investigamos a participação de diferentes membros da família, quais sejam: o pai da criança, a mãe e uma das avós. Interessava-nos, mais especificamente, compreender como se constituem as redes de crenças e desejos das pessoas que se envolvem com os cuidados e afetos dessa criança e a ética que rege esse grupo familiar no que diz respeito a ela. Realizamos a coleta de dados, utilizando uma entrevista semi-estruturada. Das 08 famílias participantes da investigação, tivemos acesso a 08 mães, 04 pais e 06 avós, todos procedentes da cidade do Recife e de padrão socioeconômico e cultural médio. As entrevistas foram todas gravadas e transcritas literalmente. Realizamos uma análise do conteúdo das narrativas desses participantes, buscando detectar sua rede de crenças e desejos desde que tomaram ciência da gravidez até o momento atual. Os resultados nos mostram que o casal parental geralmente se casa (casamento legal ou união consensual) logo após receber a notícia da gravidez, porém essas uniões têm curta duração, o que vai acarretar pouca convivência do pai da criança com ela. Há um predomínio da presença feminina nessas configurações familiares (mães e avós). Os cuidados e afetos são responsabilidades, principalmente das mães, porém, com a ajuda das avós maternas, que são também as principais responsáveis pela manutenção da criança. As crianças são vistas, pelos familiares, como inteligentes, com bom vocabulário e centro das atenções familiares.

Palavras-chave: família – criança – maternidade adolescente

¹ Professora doutora da UNICAP e orientadora da pesquisa pelo PIBIC - UNICAP. E-mail – crisamaz@elogica.com.br

² Aluno bolsista pelo PIBIC -UNICAP

³ Aluna bolsista pelo PIBIC -UNICAP

THE FAMILY AND THE CHILD, WHO IS THE DAUGHTER OF A TEENAGE MOTHER

Abstract

The general objective of this paper is to understand the network of family relationships which involves a child who is the daughter of a teenage mother. Within this family configuration, we investigate the participation of different family members, whoever they may be: the child's father, the mother and one of the grandmothers. More specifically, we were interested in understanding the make-up of the networks of beliefs and the wishes of the people who are involved with the care and affection of this child and the ethics which govern this family group with respect to the child. We collected data using a semi-structured interview. Of the 08 families taking part in the investigation, we had access to 08 mothers, 04 fathers and 06 grandmothers, all resident in the city of Recife and having an average socio-economic and cultural standard of living. All the interviews were taped and literal transcripts made. We analyzed the content of the participants' narratives, seeking to detect their network of beliefs and wishes from the moment they knew they were pregnant until the date of interview. The results showed us that the natural parents normally get married (either legal marriage or by agreed co-habitation) soon after receiving news of the pregnancy. However, these unions do not last long. This results in the father having little contact with his child. The female presence predominates in these configurations (mothers and grandmothers). Giving care and affection is mainly the responsibility of the mothers, with maternal grandmothers helping out. Responsibility for maintaining the child also falls mainly on them. The children are regarded by family members, as being intelligent, having a good vocabulary and being the center of family attention.

Key words: family child teenage motherhood

INTRODUÇÃO

Este trabalho faz parte de um projeto de pesquisa que teve como objetivo geral compreender a rede de relações familiares que envolve a criança, filha de mãe adolescente. O projeto como um todo se constitui de três partes e a cada uma coube investigar a participação, nessa rede familiar, de membros diferentes da família, quais sejam: o pai da criança, a mãe e uma das avós. Nessa constituição fami-

liar, interessava-nos, mais especificamente, compreender como se constituem as redes de crenças e desejos das pessoas que se envolvem diretamente com os cuidados dessa criança e a ética que rege esse grupo familiar no que diz respeito a ela. Nesse primeiro momento, a investigação se deu a partir das narrativas dos membros dessa rede que se encontram mais próximos da criança e que são, para ela, doadores de identidade.

Esta pesquisa está fundamentada no modelo teórico da Neo-pragmática Lingüística, o qual considera o sujeito como uma rede de crenças e desejos que é causa de seu comportamento lingüístico (Rorty, 1997). Dentro dessa perspectiva teórica, o sujeito é considerado um efeito da linguagem, que é entendida como uma construção coletiva, sócio-histórica e cultural. Compreendemos o sujeito “enquanto uma rede de significantes que dá sentido a suas crenças, valores e desejos e que demarca a sua singularidade enquanto ser desejante” (Sertório, 1999). Desse modo, para compreender as possibilidades singulares de subjetivação da criança que nasce de uma mãe adolescente, cumpre-nos buscar a rede de crenças e desejos na qual ela se vai inserir e que, “fazendo parte do singular, se entrelaça além de cada um e desvela um todo – a família” (Sertório, 1999). Nosso enfoque é, portanto, a criança e, ao estudar essas relações familiares, fazemo-lo tendo em vista a inserção dessa nesse contexto. Subjacente a essa proposta, está a crença de que a mãe adolescente, por se encontrar ela própria numa fase do desenvolvimento em que as condições psicossociais e econômicas ainda não foram alcançadas plenamente, vai necessitar que o contexto familiar em que está inserida, movido pela ética da solidariedade, ofereça apoio e segurança especiais, possibilitando uma subjetivação mais

satisfatória por parte desse novo sujeito. Tal preocupação se justifica uma vez que há inúmeras pesquisas a respeito das dificuldades encontradas pelas mães adolescentes; no entanto, quase nada foi estudado sobre a criança que é filha de mãe adolescente.

Existe um consenso, entre os autores, sobre a importância de ambas as figuras parentais para um desenvolvimento saudável de um indivíduo. Por outro lado, os estudos sobre a maternidade adolescente vêm apontando que, ao engravidar, a solução adotada pela maioria das adolescentes é o casamento, seja o legal ou a união consensual (Amazonas, 1999; Zagury, 1996). No entanto, os mesmos estudos nos mostram a efemeridade dessas relações. Diz Zagury (1996, p. 196).

“Acompanhei (...) vários casos de adolescentes que, tendo engravidado, casaram-se, tiveram o apoio integral da família, mas, mesmo assim, devido à imaturidade natural, separaram-se cerca de um ano depois do nascimento do bebê. O casamento se desfez, cada um seguiu sua vida, mas o bebê está lá, lindo, crescendo, sorridente. E a jovem mãe chorando, irritada, revoltada contra ele, que lhe tolhe a liberdade, os movimentos e os desejos naturais da idade...”

Naturalmente não estamos defendendo o princípio de que uma criança somente poderá ter um desenvolvimento normal se tiver ambos os pais convivendo na mesma casa. Porém o que se observa, em grande parte dessas separações, é que os pais, gradativamente, vão-se afastando dos filhos, deixando uma lacuna que outras figuras, tais como os avós ou outras, terão que preencher. Além disso,

perguntamo-nos o que fazer para ajudar essa mãe adolescente que se sente frustrada em seus sonhos, tolhida em seus movimentos e que atribui isso à presença desse filho? O que as pesquisas também vêm indicando é que, quando uma adolescente se torna mãe, na maioria dos casos, necessita de apoio mais que outras mães de maior idade. É a avó, principalmente a materna, quem se vê na contingência de apoiar a mãe adolescente e seu filho, tanto financeiramente quanto com relação aos cuidados e afetos (Zagury, 1996). Porém, as avós contemporâneas já não se apresentam como as de antigamente. Não são mais velhas senhoras aposentadas e desejosas de cuidar de um neto para preencher seus dias. Ao contrário, as avós, na atualidade, são mulheres entre 40 e 50 anos, ou até menos, e estão em plena atividade profissional (Amazonas & Araújo, 1997; Dias & Silva, 1999). Como então recebem esse ser que requisitará seus cuidados e aumentará suas responsabilidades?

É, portanto, nosso objetivo compreender essa nova modalidade de configuração familiar que se formará a partir de uma gravidez na adolescência e que irá envolver essa criança, fornecendo as bases sobre as quais ela irá subjetivar-se.

METODOLOGIA

Participantes

Entrevistamos 08 conjuntos familiares constituídos por 08 mulheres que foram mães na adolescência, 04 pais das crianças, filhas dessas mulheres, e 06 avós. Nossos entrevistados procedem da cidade do Recife, são todos de padrão socioeconômico e cultural médio. Os 04 pais entrevistados eram também adolescentes na ocasião em que foram pais.

Instrumentos

Entrevista semi-estruturada, gravador e fitas cassete.

Procedimento de coleta de dados

Os participantes desta pesquisa foram encontrados pelos pesquisadores através de indicação. Iniciávamos a coleta entrevistando a mãe adolescente e, através de sua fala, detectávamos qual das duas avós (materna ou paterna) tinha maior convivência com a criança. Buscávamos, então, contato com ela e, também, com o pai da criança. As entrevistas foram gravadas em fita cassete e, após suas transcrições literais, realizamos uma análise do conteúdo das narrativas desses membros da família, buscando detectar sua rede de crenças e desejos, desde quando tomaram ciência da gravidez, como foi a chegada do novo membro (a criança) no contexto familiar, até o momento atual.

Procedimento de análise dos dados

Entre as diferentes técnicas de análise de conteúdo, em sua vertente qualitativa, utilizamos, nesta pesquisa, a análise temática, que consiste, segundo Minayo (1999, p. 209), “em descobrir os núcleos de sentido que compõem uma comunicação cuja presença ou frequência signifiquem alguma coisa para o objetivo analítico visado”. Compreendemos que “qualitativamente a presença de determinados temas denota os valores de referência e os modelos de comportamento presentes no discurso” (Minayo, 1999, p. 209).

Desse modo, realizamos inicialmente o que se denomina de uma pré-análise e que consiste em três tarefas:

leitura flutuante, constituição do “corpus” e leitura exploratória, tanto em função dos objetivos inicialmente propostos quanto em função dos conteúdos emergentes das narrativas.

Para a constituição do “corpus”, organizamos o material de maneira a satisfazer os critérios de **exaustividade**, isto é, contemplamos todos os aspectos levantados no roteiro da entrevista, e **homogeneidade**, ou seja, utilizamos temas precisos para todas as participantes. Ao final, levantamos temas ou unidades de significação em função dos quais analisamos os resultados. Os temas são os seguintes: 1) Configuração familiar; 2) Percepção da gravidez na adolescência; 3) Como foi recebido o bebê após o nascimento; 4) Quem se encarrega dos cuidados e afetos da criança; 5) Quem se encarrega da manutenção; 6) Como a criança é percebida por esses familiares; 7) Como o pai da criança vem exercendo suas funções na opinião desses familiares; 8) Como percebem a mãe no exercício de suas funções; 9) Como percebem o relacionamento da criança com os demais membros da família; 10) Quais as expectativas quanto ao futuro da criança.

RESULTADOS

Quanto à configuração familiar que envolve a criança filha de mãe adolescente, o que podemos observar é o seguinte: das 08 famílias entrevistadas, 03 mães adolescentes se originam de famílias cujos pais ainda permanecem casados, 01 é filha de mãe viúva e 04 pertencem a famílias cujos pais já se separaram. Dos 08 casos apenas 01 adolescente não adotou o casamento como solução para a gravidez, quer seja o casamento legal ou a união consensual.

Por outro lado, 03 permanecem casadas enquanto as demais já se separaram. A duração máxima dessas relações foi de 02 anos (01 caso). Nos demais casos, quando muito chegaram a 01 ano de convivência conjugal. Das 04 que já se separaram e mais 01 que nunca chegou a casar-se apenas 02 companheiros, pais de seus filhos, ainda mantêm contatos freqüentes com esses, participando ativamente da educação e afetos. Mas, quanto à manutenção, apenas 01 pai, entre os 05 que não moram com os filhos, realmente se responsabiliza por sua manutenção, sendo as demais crianças mantidas, principalmente, pelos avós maternos. Ainda tratando da manutenção das crianças, mesmo nos casais que permanecem juntos até hoje, inicialmente, a manutenção, tanto das crianças quanto do próprio casal, foi assumida pelos avós.

Quanto ao modo como percebem a gravidez nessa fase do desenvolvimento, todos os nossos entrevistados consideram a situação como sendo muito difícil. Enfatizam: a falta de maturidade do casal para assumir tão grande responsabilidade e abrir mão de vivências próprias dessa fase, tais como: diversões, namoros, etc; os prejuízos acarretados para a formação educacional e profissional, além das dificuldades de ordem econômica.

A primeira reação do casal ao tomar ciência da gravidez foi, em geral, de susto, preocupação, angústia, culpa e até desespero. Esses sentimentos se apresentam mesclados a sentimentos de alegria e alguns pais relatam também haver sentido orgulho. Já as avós destacam que, inicialmente, sentiram-se decepcionadas, relutaram em aceitar o fato, mas, posteriormente, acabaram aceitando e apoiando o casal de pais.

Após os primeiros meses de gestação, vem a aceitação. Tal aceitação está relacionada às soluções encontradas para a situação (casamento legal ou união consensual) e, por parte do casal, ao apoio recebido da família, tanto financeiro quanto emocional.

Após o nascimento, na maioria das vezes, a criança é aceita e bem recebida. Os avós ficam felizes com a chegada do neto e geralmente são eles que se responsabilizam por sua manutenção. Quanto aos cuidados e afetos são, predominantemente, responsabilidades das mães, que, por se encontrarem ainda em período de formação escolar e profissional, necessitam da ajuda das avós que, nesse caso, são, quase sempre, as maternas. As mães adolescentes demonstram incômodo por necessitarem dividir suas atribuições de mães com as avós. Em quase todos os casos, parecem perceber a situação como uma ameaça ao lugar que uma mãe deve ocupar junto ao filho. Além disso, referem ter necessidade de administrar a educação dos filhos sem entrar em conflito com as avós, o que nem sempre conseguem. Nas suas narrativas, percebemos que os filhos, ao captarem o clima familiar e a insegurança das mães, reforçam os sentimentos dessas e manipulam o ambiente, tornando-se o centro das atenções familiares. Em alguns casos, as mães chegam a relatar que sentem ciúmes do filho em relação ao apego que desenvolvem com as avós. Os pais das crianças são vistos, tanto pelas mães quanto pelas avós, como imaturos e despreparados para exercerem suas funções, mas é comum que as mães depositem esperança de que, no futuro, eles venham a adquirir maturidade e condições para exercê-las adequadamente. Por outro lado, na narrativa de todos os entrevistados, as mães aparecem exercendo suas funções de modo satisfatório. As crianças são

percebidas como bonitas, inteligentes, com bom vocabulário, bom relacionamento social e familiar, porém um pouco “nervosas”, muito apegadas às mães e avós e com manifestações freqüentes de onipotência. Esses últimos qualificativos não aparecem na fala dos pais, talvez porque a maioria tem pouca convivência com seus filhos. As expectativas em relação ao futuro das crianças são otimistas em todos os discursos. Apenas no caso das mães, percebe-se uma preocupação em afirmar que seus filhos não vão “ficar a desejar” nada em relação a nenhuma criança, referindo-se às crianças, filhas de mãe de maior idade.

CONCLUSÕES

Nossas principais conclusões são as que se seguem:

- nos 08 conjuntos de famílias que investigamos, há um predomínio de famílias compostas por mães e avós (06 casos) e, ocasionalmente, há a presença de tios e primos, bastante distinta da configuração tradicional nuclear;
- o casal, ao tomar conhecimento da gravidez, em 07 casos, casou-se ou uniu-se consensualmente, mas, em 05 casos, já se separou e isso implicou pouca convivência dos pais com seus filhos;
- os cuidados e afetos são dispensados pelas mães com a ajuda das avós maternas, o que acarreta conflitos entre essas duas mulheres no que diz respeito à educação da criança;
- a manutenção tanto da mãe quanto da criança é responsabilidade, em geral, dos avós;
- as crianças, nessa situação, são vistas como inteligentes, com bom vocabulário e centro das atenções familiares, manipulando o ambiente.

Como podemos ver, nossos dados permitiram que fosse reconstruída parte da rede familiar dessa criança. Porém, do tratamento desses dados emergiu a lacuna do discurso da própria criança para que as crenças, desejos e valores pudessem ser visualizados com mais propriedade. Desse modo, sugerimos que uma próxima investigação inclua a expressão da própria criança que compõe essa rede familiar, de modo a captar como se vem constituindo e que percepção tem da família. Esperamos que nosso trabalho contribua para o desenvolvimento de intervenções mais efetivas na área, no que diz respeito à melhoria da qualidade de vida dessas crianças e das famílias nas quais estão inseridas.

REFERÊNCIAS

AMAZONAS, M.C. L. A. DE A. **Una descripción de la adolescente actual:** su subjetivación y lugar que ocupa el embarazo. 1999. Tese (Doutorado em Salud y Familia) – Universidad de Deusto, Bilbao.

AMAZONAS, M. C. L. de A.; ARAÚJO, L. F. de A. A geração canguru: sintoma da cultura do narcisismo e da aparência? Uma discussão preliminar. **Revista Symposium** – nova fase, ano 3, p.73-78, dez. 1999. Número especial.

BEZERRA JÚNIOR, B. Descentramento e sujeito: versões da revolução copernicana de Freud” In: COSTA, Jurandir Freire (org.). **Redescrições da psicanálise:** ensaios pragmáticos. Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 1994, p. 119-167.

COSTA, J. F. Pragmática e processo analítico: Freud, Wittgenstein, Davidson, Rorty. In: COSTA, Jurandir Freire

(org.). **Redescrições da psicanálise**: ensaios pragmáticos. Rio de Janeiro : Relume- Dumará, 1994. p. 9-60.

DIAS, C. M. S. B.; SILVA, D. V. Os avós: uma revisão da literatura nas três últimas décadas. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (org.) **Casal e família**: entre a tradição e a transformação. Rio de Janeiro : NAU, 1999, p.118-149.

JABLONSKY, B. Identidade masculina e o exercício da paternidade: de onde viemos e para onde vamos. In: FÉRES-CARNEIRO, Terezinha (org.). **Casal e família**: entre a transição e a transformação. Rio de Janeiro : NAU, 1999, p. 55-69.

KATZ, G.; COSTA, G. P. O. O adolescente e a família pós-moderna. **Revista Brasileira de Psicanálise**, v. 30, n. 2, p.329-340, 1996.

LUTTE, G. **Liberar la adolescência**: la psicología de los jóvenes de hoy. Barcelona : Herder, 1991.

MINAYO, M.C. de S. **O desafio do conhecimento**: pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo : Huciter; Rio de Janeiro : Abrasco, 1999.

RORTY, R. **Objetivismo, relativismo e verdade**. Rio de Janeiro : Relume-Dumará, 1997.

SERTÓRIO, E. **O lugar do pai na perícia psicológica**. [s. l.: s. n.], 1999. Palestra proferida na OAB.

SZANIEKI, E. Papel do novo pai em relação aos seus filhos: realidade científica ou invenção contemporânea? **Infanto** –

Revista neuropsiquiatria da infância e adolescência, v. 4, n. 2, p.16-19, 1996, .

ZAGURY, T. **O adolescente por ele mesmo**. Rio de Janeiro : Record, 1996.